



II CONGRESSO INTERNACIONAL – LÍNGUAS, CULTURAS E LITERATURAS EM DIÁLOGO: IDENTIDADES SILENCIADAS

Universidade de Brasília – 16 a 18 de agosto de 2018

RESUMOS QUE COMPÕEM O SIMPÓSIO

Poesia Brasileira: Vozes Silenciadas

Coordenadores:

Prof. Dr. Carlos Frederico Barrére Martin (pós-doutorado em Literatura Brasileira, FFLCH/USP)

E-mail: carlosfbmartin@gmail.com

Profa. Dra. Viviana Bosi (USP)

E-mail: vivianab@usp.br

TÍTULO DO TRABALHO: Poesia afrobrasileira feminina contemporânea

Autora: Maristella Petti (UnipG)

RESUMO: O objetivo é o de individuar uma linha de ação comum na produção poética de escritoras afrobrasileiras contemporâneas e atualmente ativas, com base no princípio de identidade; a reivindicação do pertencimento à mesma identidade se insere no projeto de luta contra a opressão socio-cultural do cânone instituído. Como objetivo último, o trabalho pretende proporcionar o conhecimento necessário ao diálogo intercultural, que possibilita a migração de teorias e movimentos culturais no tempo e no espaço.

PALAVRAS-CHAVE: poesia, literatura afrobrasileira, literatura de gênero, cânone, eurocentrismo

TÍTULO DO TRABALHO: Poesia atre-vida: notas político-poéticas sobre o sacrifício do “feminino”, a historiografia e o livro *Ebulição da Escritura*

Autora: Beatriz de Moraes Vieira (UERJ)

RESUMO: Este trabalho é parte de um projeto de pesquisa que investiga as relações entre experiência histórica dolorosa, literatura e suas respectivas teorias, em especial no período da ditadura civil-militar de 1964-1985, defendendo a hipótese da existência de uma “literatura de perplexidade”, como um “não-conceito” de corte adorniano. Com base no livro *Ebulição da*



Escrivatura, publicado em 1978 – quando também se realizavam as comemorações de aniversário da abolição da escravidão no Brasil, bem como os protestos “contra a farsa da abolição” que estourariam em 1988 –, propõe-se aqui uma reflexão sobre a presença-ausente e a perplexidade da voz feminina na literatura brasileira no período. Explorando principalmente imagens poéticas trazidas pela única poeta-mulher presente no livro, estas reflexões trazem considerações relativas à Teoria da História, com desdobramentos sobre a História Literária, que carrega consigo e problematiza a marca ancestral da tragédia de *Ifigênia*, na qual o “feminino” – enquanto metáfora da alteridade silenciada ou dominada – é sacrificado em nome dos “ventos” que propiciam a guerra e o poder do patriarcado, tanto na experiência histórica, quanto na historiografia.

PALAVRAS-CHAVE: poesia marginal – tragédia de Ifigênia – voz feminina – domínio patriarcal e étnico – teoria da história

TÍTULO DO TRABALHO: Maria da poesia: os (des)caminhos da poesia contemporânea de autoria feminina

Autora: Ariela Fernandes Sales (UFPE)

RESUMO: Neste trabalho analisaremos as estratégias de divulgação da obra *Carne de umbigo* (2015) da poetisa carioca Maria Rezende, percebendo a aposta em edições independentes e/ou mediadas pelo uso da internet como modo de burlar o sistema imposto pelo cânone literário brasileiro. Este artigo pretende fortalecer a hipótese de que a escrita de autoria feminina, historicamente tangenciando os espaços de publicação e divulgação ante o cânone, tem cada vez mais se utilizado de meios alternativos para conseguir alcançar o seu público leitor. Isso parece ser potencializado quando falamos de autoras no gênero poético, o qual se diz e se canta desprestigiado no Brasil após os movimentos de vanguarda que tinham na poesia sua principal forma de experimentação. É preciso pensar também que a poesia de Maria Rezende segue outros caminhos não só no seu meio de publicação e divulgação, mas também na sua estética. Em *Carne do umbigo* (2015), vemos cantarem e serem cantadas eu líricos marcadamente femininos que enchem os discursos do amor romântico, idealizado, mas ao mesmo tempo corriqueiro. O amor por si também figura, na mesma proporção do amor pelo outro, em uma tentativa de fazer do sentimento e do corpo femininos o cerne do fazer literário, em uma perspectiva de protagonismo poético. Para nos ajudar nesse intento, utilizaremos os dizeres de Siscar (2010), Lajolo (2011) Hayes (2009) e Bosi (1977) e Vaz (2017), na tentativa de vermos Maria Rezende trilhar seus caminhos particulares – e ao mesmo tempo, tão familiares – da poesia contemporânea brasileira de autoria feminina.

PALAVRAS-CHAVE: Maria Rezende; poesia contemporânea; cânone literário; internet; eu lírico feminino.

TÍTULO DO TRABALHO: As nuances de *Crônica trovada da cidade de Sam Sebastiam* de Cecília Meireles



Autora: Alina Taís Dário (UFU)

RESUMO: A morte de Cecília Meireles em meados de 1964 interrompeu a escrita da obra *Crônica Trovada de Sam Sebastiam*. A poeta nos deixou uma gama de 19 poemas épicos-líricos que narram a fase de fundação da cidade do Rio de Janeiro. Publicados postumamente em 1965 pela Livraria José Olympio, *Crônica Trovada* é considerada exemplar no que tange às vias com que a literatura reorganiza as questões históricas e destaca-se por dois motivos: o esquecimento da crítica literária, que ainda não deu atenção necessária a este livro, e por trazer poemas que reelaboram a tradição literária colonial. Fato é que Cecília Meireles se debruçou em pesquisas e suas fontes foram, principalmente, os textos coloniais, como, por exemplo, *História do Brasil*, de Frei Vicente do Salvador (1918), o *Tratado Descritivo do Brasil*, de Gabriel Soares de Souza (1851) e o primeiro épico escrito em terras brasileiras, *De Gestis Mendi de Saa*, de José de Anchieta (1986). As situações narradas nos textos coloniais agiram como catalizador para a poesia de Meireles que lançou outros olhares poéticos e imprimiu uma notável característica que se consolida ao propor a inversão do discurso da colonização. *Crônica Trovada* traz personagens com valor destoante das narrativas coloniais em que os consagrados heróis portugueses são silenciados e, desta forma, aponta para a falência do processo colonizador. Para isto, este trabalho analisará em linhas gerais a obra, em especial os poemas “Arariboia visita Governador Salema” e “Gesta de Mem de Saa”, que apresentam de forma mais pontual o diálogo com a literatura colonial. Por isso, tem-se o objetivo de discorrer sobre as principais nuances da obra póstuma de Meireles. As conclusões aludem ao desejo de contribuir para a análise da poesia ceciliana, envolvendo questões da crítica literária, a fim de que se possa rever e discutir conceitos da literatura moderna.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira; Cecília Meireles; Textos coloniais.

TÍTULO DO TRABALHO: Orides Fontela: autoria e posição axiológica

Autora: Camila Calaça (UFG)

RESUMO: Orides Fontela (1940 - 1998), ao mesmo tempo que constitui, hoje, um nome expressivo da poesia moderna e modernista brasileira, seguiu em quase anonimato por décadas. Embora Davi Arrigucci Jr. e Antonio Candido tenham sido dois de alguns dos críticos que exaltaram a poesia de Fontela, isso não foi o suficiente para inseri-la no cânone da poesia brasileira do século XX integralmente. Mulher e pobre – e crente em sua “feiúra” –, Fontela acreditava que não havia outra possibilidade às mulheres como ela senão “ser feminista”. Ademais, lhe aprazia o silêncio, o não convívio social, o claustro. Sua poesia conhece essas características. Poemas como “Fala” (publicado no livro *Alba*, de 1983) e “Poema” (de *Transposição*, 1969), por exemplo, tematizam uma característica própria da autora. E é diante deste termo, autoria, que uma questão teórica se coloca:

sujeito lírico e sujeito empírico não se confundem, isso parece questão superada; mas, então, como compreender o deslocamento de um em relação ao outro? Pela autoria, ou, especificamente, pelo conceito bakhtiniano de autoria, que considera, entre outros aspectos, a condição axiológica da(o) poeta, dos valores de mundo e dos valores individuais que formam um autor (ou autora, no nosso caso específico). E, além de compreender como se dá tal deslocamento, interessa-nos entender por quê. No que diz respeito ao negligenciamento do nome de Fontela do cânone da poesia do século XX, destaca-se, no seio de uma sociedade patriarcal e afortunada, uma mulher pobre; destaca-se no vórtice da experimentação da arte modernista, uma poeta que não era “adepta das novas vanguardas visualistas”, como comenta Luis Dolhnikoff (2015), em introdução à *Poesia Completa* de Fontela. Por um lado, em textos biográficos, como o Gustavo de Castro (2015), *O enigma Orides*, cria-se uma imagem de virulência, de mulher irascível, intempestiva, suicida. Por outro lado, sua poesia, mesmo que incorpore lances biográficos que, inequivocamente, nos façam mirar diretamente a personalidade de Fontela como em um espelho, tem sobriedade, quase uma objetividade – o que leva muitos a dizerem de uma influência cabralina, até. Soma-se a isso, um olhar filosófico para os eventos do mundo – inevitavelmente incorporados à sua obra poética – que não poderia deixar de se esgueirar no fato de que Fontela formou-se em Filosofia. Neste trabalho, a intenção é pautar a discussão teórica que incide na “condição autora” em relação ao pouco reconhecimento que uma poeta da envergadura de Fontela experimentou, de forma que se explique, pela posição axiológica, esse diminuto reconhecimento, se comparada a nomes como Hilda Hilst ou Paulo Leminski.

PALAVRAS-CHAVE: Orides Fontela, autoria, posição axiológica, negligenciamento, poesia modernista

TÍTULO DO TRABALHO: Como ler Orides Fontela?

Autor: Wanderley Corino Nunes Filho (USP)

RESUMO: Orides Fontela, poeta considerada uma das vozes de maior importância da poesia brasileira contemporânea, teve seus livros publicados entre 1969 e 1996. Embora muitos críticos tenham se debruçado sobre sua obra, vale mencionar que tal fortuna crítica privilegia os livros iniciais. Notamos que há um esforço, por parte de alguns intérpretes, em explicar como certos temas e procedimentos das obras posteriores já estavam sinalizados em seu título de estreia, *Transposição*. Muito embora Orides lance mão de um repertório imagético muito econômico e pessoal, nos parece curioso que tais análises ignorem o caráter heterogêneo dos últimos dois livros, a saber, *Rosácea* e *Teia*. Desse modo, nesta comunicação confrontaremos os poemas de Orides Fontela com alguns dos textos de sua fortuna crítica. Nossa proposta é verificar em que medida certos pressupostos são válidos, considerando o arco da obra oridiana. A hipótese é que certos argumentos da recepção crítica se sustentam de maneira parcial, uma vez que ignoram a tentativa da poeta de se renovar ao longo



de três décadas de sua escrita. Assim sendo, iremos testar tais argumentos contra poemas que, a priori, escapam a esta ideia.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia contemporânea, Orides Fontela, Rosácea, Teia, recepção crítica, revisão teórica

TÍTULO DO TRABALHO: O riso é levado a sério? – a recepção da poesia de Zuca Sardan

Autor: Sérgio Bento (UFU)

RESUMO: O processo de definição do cânone literário, por sua natureza rizomática e dinâmica, depende de aproximações limitadoras – porém necessárias – em órbitas comuns que circunscrevem obras em determinados campos conceituais. Nessa complexa formação, apagamentos e silenciamentos são inevitáveis, pela impossibilidade de abarcar, esquematicamente, cada escritor relevante. Uma dessas operações pode ser chamada de “exotização”, que é a aderência, por parte de estudiosos, a um enclausuramento de certo autor dentro de uma tendência estética generalizadora, ou ainda a uma sobrevalorização de apenas uma característica que emane de seus escritos. Na poesia brasileira recente, isso é facilmente percebido, por exemplo, na imediata etiqueta associada a Dora Ferreira da Silva como uma “poeta do imaginário”, na simplificação de “literatura de testemunho” imposta a Alex Polari, ou na visão de Zuca Sardan como um “poeta cômico”.

A brevíssima fortuna crítica do último escancara uma flagrante dissonância entre o grau de exposição de sua poesia e a atenção que a pesquisa especializada lhe dedica. Comumente associado à poesia marginal por figurar na célebre antologia *26 poetas hoje*, Zuca tem uma vasta e heterogênea obra, tendo sido publicado vinte vezes na prestigiada revista *Inimigo Rumor*, além de ter lançado um de seus livros mais recentes, *Ximerix* (2013), por uma editora de destaque (Cosac Naify). Ainda assim, o sistema CAPES registra apenas uma dissertação sobre sua escrita. Destaca-se, também, o prefácio de Alcides Villaça a *Ás de Colete*.

O objetivo dessa fala será, portanto, analisar as poucas recensões existentes e, a partir delas, propor um eixo interpretativo de abordagem da obra de Sardan, cujos procedimentos frequentes – a visualidade, o labor musical, a paródia fabular, a zombaria e o nonsense – apontam para uma leitura crítica de mundo, apostando no poder corretivo do riso e da dramaturgia como forma de desequilíbrio da percepção embotada que a razão pode proporcionar.

PALAVRAS-CHAVE: Zuca Sardan; humor; cânone; poesia satírica; fábula; poesia contemporânea

TÍTULO DO TRABALHO: O canto de um silenciado: Geraldo Mello Mourão e a formação da poesia epilírica na literatura brasileira contemporânea

Autor: Junior César Ferreira de Castro (UNB)

RESUMO: Gerardo Mello Mourão, de Ipueiras-CE, poeta erudito e cantador da fundação do Brasil e da região nordeste, é uma das maiores vozes da poesia brasileira contemporânea silenciada pela crítica literária. A construção de sua poética está na inspiração das palavras e na construção das imagens de maneira que a torna, após o movimento marginal, singular pelo fato de situá-la em



um espaço de diálogo entre os gêneros literários e outras artes. *Os peãs* é uma obra composta de três poemas narrativos longos em que o épico se funde ao lírico e estes com as formas pictóricas (pinturas, fotografia, ideogramas) através de um processo intersemiótico para estabelecê-los no tempo presente da narrativa (RICOEUR, 1994). A consubstanciação do visual (ARBEX, 2006) ocorre com a consciência das vozes, a do autor-criador e a do leitor, a fim de estabelecê-las no ato de produção como elementos desse novo movimento artístico, o da poesia epilírica. Esse hibridismo intergênero é instaurado para asseverar que os eventos históricos resgatados pela memória são instituídos pela temporalidade e espacialidade construídos pelo mundo do texto (ISER, 2002). Com isso, o realismo e a representação das pessoas, coisas e lugares estão ordenados pelo contexto cultural a partir de um estilo mutável, pluralístico e não romaneado (BAKHTIN, 2010). Portanto, para a compreensão do dialogismo intratextual, da configuração do epos na contemporaneidade, bem como o passado como presente da narrativa e a formação das imagens como eixos norteadores de sua criação convocam-se, respectivamente, as teorias de Lukacs (2000), Leite (1995), Greenfield (2006), Staiger (1997), Barthes, (2002), Deleuze (2006), Bergson (2006), Bachelard (1993), Eco (2012), Aumont (1993) e Dondis (1997).

PALAVRAS-CHAVE: Contemporaneidade. Voz silenciada. Texto-imagem. Hibridismo intergênero

TÍTULO DO TRABALHO: A poesia em poema de Nequito: voz e exclusão

Autores: Karine Rios de Oliveira Leite (IFG) e Thiago André Rodrigues Leite (IFG)

RESUMO: Em notícia publicada no dia 20 de novembro de 2008, no Diário da Manhã, intitulada “Obama inaugura era do pós-racismo”, afirma-se que “o educador Manoel Bueno Brito, 67, conhecido como Nequito, ex-professor da Universidade Católica de Goiás (UCG) e Federal de Goiás (UFG), além de poeta e autor de livros didáticos, é um dos intelectuais negros que melhor interpretam o tempo de mudança”. Embora tenha ganhado o Prêmio Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, com o seu livro de poesia “Candeia de Canto”, o qual foi considerado o melhor livro de poesia do país em 1996, esse poeta parece-nos representar uma voz silenciada/apagada na academia e fora dela, já que raramente é possível encontrarmos algum trabalho que verse sobre seus poemas ou quem os conheça. Alguém esquecido/negligenciado na era da internet, pois basta digitarmos seu nome e/ou seu apelido para percebermos que quase nada vem à tona sobre tal poeta, talvez por exclusão de ordem social (etnia), mas talvez também de ordem geográfica (escritor goiano).

Na poesia de Nequito mediante seus poemas, assim como em outros poemas de outros autores, termos ordinários do sistema linguístico da língua portuguesa alçam outros voos significativos. Por exemplo: a palavra “viagem”, em seu poema “A Viagem”, pode ser lida de certos modos – “viagem” (meta)física – por estar em um sistema próprio, obedecendo a uma organização particular/subjetiva, ou seja, a uma “voz” de Nequito. Nesta comunicação, propomos analisar esse poema, o qual se configura como metalinguístico, no sentido de a própria poesia que se materializa nele “falar” do fazer poético por meio de personagens anônimos, possíveis excluídos. A partir dessa análise, procuramos dar “voz” a silenciados, visto que, no poema em questão, “os nomes se apagam/aos poucos,/todos”. Para tanto, respaldamo-nos principalmente na



Análise de Discurso pêncheuxtiana, segundo a qual o discurso configura-se como efeitos de sentido entre interlocutores.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Poema. Nequito. Voz. Exclusão.

TÍTULO DO TRABALHO: Sobre a voz de quem morre: poesia, voz e silenciamento nos primeiros trabalhos de Nuno Ramos

Autor: André Goldfeder (USP)

RESUMO: Ao longo da trajetória de irritações da indeterminação de gêneros e meios artístico que caracteriza o trabalho do escritor e artista visual Nuno Ramos, a poesia sempre ocupou posição decisiva. Nossa primeira hipótese sublinha o modo simultaneamente particular e ilustrativo pelo qual o livro de estreia do artista, *Cujo* (1993), se inscreve no panorama histórico próprio à poesia brasileira daquele momento. No terreno de contaminações recíprocas entre poesia e artes visuais surge um enfrentamento exemplar de uma situação de crise, tal como formulada na conhecida discussão de Marcos Siscar acerca do legado da crise moderna da poesia nas últimas décadas do século XX. Esta a espécie de enquadramento conceitual que organiza a relação entre *Cujo* e a poesia: a encenação de um processo de manipulação de formas e materiais impulsionada pela impossibilidade de determinação prévia e permanente da entidade chamada “poema”.

Em meio ao desfile de vozes menores que conduz o livro, há uma voz que antecipa outra vertente decisiva de problemas que informa a obra de Ramos, à qual se direciona nossa segunda hipótese. Trata-se da voz partilhada textualmente entre *Cujo* e a instalação *III*, realizada em memória dos cento e onze detentos assassinados pela Polícia Militar durante a invasão da extinta Casa de Detenção de São Paulo, em 1992. A voz reivindicada pelo enunciador desses textos é a voz do morto. Diante de uma operação estatal instalada no limbo da exceção soberana interna à lei, a memória dos mortos convocou à arte a ocupação de algo da ordem de um “ponto de vista da morte”. É assim que, em diálogo com outras incursões pelo tema, como as de José Antonio Pasta Jr. e Giorgio Agamben, propomos refletir sobre a construção dessa posição enquanto lugar que atravessa a ideia de “lugar de fala” e a questão das acoplagens entre poesia e história.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia contemporânea brasileira; Literatura e artes visuais; Nuno Ramos

TÍTULO DO TRABALHO: “Falo somente com o que falo”: a voz e o silêncio sertanejos na poesia de João Cabral de Melo Neto

Autor: Renan Nuernberger (USP)

RESUMO: Desde a década de 1950, a partir de *O cão sem plumas* (1951), a poesia de João Cabral de Melo Neto se impôs o desafio de representar a realidade social do Nordeste brasileiro de maneira consistente e, ao mesmo tempo, manter o rigor de sua reflexão metalinguística, baseado na consciência construtiva desenvolvida nos livros imediatamente anteriores, *O*



engenheiro (1945) e *Psicologia da composição* (1947). A tensão entre a referência à realidade objetiva – cuja ambição, no limite, era participar ativamente de certo processo de transformação social – e a construção metalinguística – sinalizando uma poesia autocentrada em seus próprios procedimentos estilísticos –, problema já bem localizado pela crítica cabralina, é um ponto fundamental para a compreensão da obra madura de João Cabral, sendo o cerne da poética de um livro como *A educação pela pedra* (1966). Nossa proposta é analisar essa tensão a partir das estratégias de formalização da voz do sertanejo na poesia de Cabral, seja por meio do discurso direto do retirante, como em *Morte e vida severina* (1956), seja por sua identificação com a reflexão metalinguística, como no poema “Graciliano Ramos:”, de *Serial* (1961). Por outro lado, também pretendemos analisar os momentos de afastamento entre o ponto de vista do poema e seu outro de classe, como na caracterização do cassaco em “Festa na Casa-grande”, de *Dois parlamentos* (1961), ou na distância entre o fazer poético e o dizer sertanejo em “A educação pela pedra”, do livro homônimo.

PALAVRAS-CHAVE: João Cabral de Melo Neto; poesia brasileira; metalinguagem; referencialidade

TÍTULO DO TRABALHO: A causa operária na poesia de 1930: o que não se disse sobre o livro *Poemas proletários* de Paulo Torres

Autor: Paulo Rogério Ferraz (USP)

RESUMO: O objetivo do trabalho é apresentar a obra de um autor ausente de qualquer leitura geracional da poesia dos anos 1930 ou da poesia de cunho social mesmo que não se leve em consideração o dado cronológico. Trata-se de Paulo Torres, autor do livro *Poemas proletários*, publicado em 1931, e que chegou a ser incluído por Dante Milano em uma antologia da poesia moderna em 1935 ao lado de Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Jorge de Lima, entre outros. O que não foi, todavia, suficiente para a sua permanência.

Nascido em 1900, Torres estreou em 1921 e publicou outros quatro livros antes de *Poemas proletários*, os quais ainda reverberavam algum eco simbolista, como se supõe pelos títulos *A hora da neblina*, *Bailados brancos*, por exemplo, embora sua dicção já estivesse num processo de incorporação de novos recursos. Na condição de correspondente internacional de *O Globo* esteve em Moscou em 1925, quando entrou em contato com a propaganda soviética, o que o pode ter influenciado tanto em sua orientação política quanto no aprofundamento da estética modernista, mas dentro de uma perspectiva marxista de conscientização do lugar e do papel do operariado na sociedade, o que se repetiu em sua peça *Os andaimos*, encenada em 1932. Militante comunista e perseguido pelo governo Vargas, manteve-se na



clandestinidade por longos períodos, não retomando mais a atividade poética, o que o levou ao ostracismo, lembrado posteriormente por raros escritores, como Jorge Amado, que identifica sua obra como precursora da temática social, e José Paulo Paes, que no final da década de 1980 o insere num rol de autores canônicos que ele teria diligentemente imitado. O lugar reservado a Paulo Torres, entre Augusto dos Anjos e Carlos Drummond, no poema "Acima de qualquer suspeita", talvez fosse uma provocação em torno dos caminhos subterrâneos da leitura, que muitas vezes escapa às tentativas de esquematização geracional.

Desta forma, o que se pretende não é apenas apresentar o poeta e seus poemas proletários, mas sobretudo resgatar seu lugar na poesia brasileira, entre os poetas da geração de 1930, reconhecendo nele o instituidor de uma linha de poesia social entre nós, sendo necessário para tanto pensar nos mecanismos de permanência ou de exclusão de nomes ou obras do processo de consolidação da tradição literária.

PALAVRAS-CHAVE: Poesia. Modernismo. Geração de 1930. Socialismo.

TÍTULO DO TRABALHO: Amar espiritualmente e carnalmente amar

Autora: Šárka Grauová (Universidade Carolina, Praga, República Tcheca)

RESUMO: Desde os poemas de *Broquéis*, a poesia de João da Cruz e Sousa caracteriza-se por uma forte veia erótica. Na sua primeira fase, o poeta recorreu ao mundo ideal dos simbolistas europeus, incluindo as "louras mulheres das regiões tudescas", como que pensando que o correlato objetivo de aspirações universalistas lhe possibilitasse exprimir suas vivências subjetivas sem uma confrontação com o mundo real da virada do século e suas doutrinas positivistas. "Elevando o Espírito a amplidões inacessíveis, quase que não vi esses lados comuns da Vida humana", ele recapitula esse período próximo do fim de sua vida.

Em 1893, Cruz e Sousa publicou seus primeiros livros, desvalorizados pela crítica que entendia como uma provocação a poética da "pastoral sidérea" (I. D. Rabello), assumida por um poeta negro. Embora a crítica biográfica tenha por costume ligar o aparecimento da mulher negra na sua obra à sua futura esposa Gavita, a mulher negra que vem ocupando o lugar das amadas platônicas de "corpo de límpidos arminhos" surgiu anteriormente a essa data, como atesta p.ex. o poema "Afra" e os poemas em prosa "Núbia" e "Tenebrosa". Se bem que os três textos possam parecer mais próximos do mundo vivido de Cruz e Sousa, a representação da mulher negra emerge como se preferisse seguir os versos sensuais de Baudelaire, inspirados por sua exótica amante haitiana, selvagem e passional, a descer à realidade da mulher afro-brasileira.

Como revelam outras obras cruz-e-sousianas, voltadas para o mundo afro-brasileiro, o poeta "assinalado" procurou na sua obra tardia reverter a imagem degradada e estereotípica da mulher negra como objeto erótico, "transfigurando o sexo em cerimônia e rito" (O. Paz). Pela força da sua imaginação e por uma cada vez mais patente solidariedade



com os negros e marginalizados, a mulher negra vem sendo santificada e espiritualizada, sendo essa mudança exprimida por oximoros e linguagem paradoxal que juntam a pele negra com uma alvura interior que caracteriza os seres transsubstanciados pela “suprema Dor”, sem diferença de raça e origem.

PALAVRAS-CHAVE: Cruz e Sousa; Simbolismo; identidade negra; erotismo

TÍTULO DO TRABALHO: O outro lado do exílio 20 anos depois da Canção

Autor: Carlos Frederico Barrére Martin (USP)

RESUMO: O poema “A canção do africano” de Castro Alves, embora seja um dos mais importantes do poeta romântico, não recebeu da crítica literária um tratamento que o colocasse no mesmo patamar de “Vozes d’África” e “Navio negreiro”. Escrito em 1866, “A canção do africano” dialoga com o poema “Canção do exílio” de Gonçalves Dias, trazendo 20 anos depois deste outra imagem do Brasil, distante do nacionalismo que encontrou na natureza a força viva da grandeza brasileira. A figura do exilado muda de sentido quando a ela está associado, não o brasileiro que vive um tempo fora do país e expressa em versos a saudade que sente da terra natal, mas do negro que vive sob o jugo da escravidão. A leitura que se pretende fazer do poema tem em mente uma oscilação que lhe é constitutiva, a qual dá forma aos versos e à representação do Brasil através da escravidão, conduzindo o leitor entre a objetividade e a subjetividade que marca a voz narrativa. Pensar esta oscilação pode ser um caminho para se discutir a atualidade de uma representação do negro que no século XIX pretendia trazer ao leitor, através da poesia, o esclarecimento do problema.

PALAVRAS-CHAVE: Castro Alves, poesia romântica, representação do negro, noção de exílio.

TÍTULO DO TRABALHO: Cora Coralina e José Godoy Garcia: geopoésia, literatura de campo e outros niemares

Autor: Augusto Rodrigues da Silva Junior (UNB)

RESUMO: Desenhando um mapa do Cerrado, entre figuras e histórias, visitamos a geopoésia de Cora Coralina e José Godoy Garcia. Com isso, invoca-se a leitura como um imenso arquivo literário de experiências invisíveis (Calvino, 1972) para o cânone e sensíveis para os leitores centroestinos. Assim, perspectivas dos escritores de outros niemares aliam campos e metáforas plenos de *geo-graphias*, liminaridades e coletividades (Turner, 2008; Bakhtin, 2002). Síntese de uma cartografia poética, que enforma a Literatura de Campo (Silva Junior, 2013), apresentamos criações e recriações que atravessam uma *era de silenciamentos*, mas que deseja abarcar uma *era de territorialidades poéticas inacabadas* – de uma literatura brasileira que continua em formação. A modalidade utópica, em Godoy Garcia e Cora Coralina, indicia-se na opção por uma “poesia andando, poesia de janela, poesia de estrada, magma e cerrado (sem-mar)”. *Passando e observando* locais palpáveis do Goiás profundo, mítico, tropeiro e



capital, desdobra-se uma inexistência presente – em ruas e becos, minorias e seres, escritos menores e altiplanos, especializados nos “mistérios da alma do povo”. De ações feitas palavras, instaura-se a condição fabular coralina e garciana de uma geopoesia que desemboca nos devaneios do Rio Vermelho, nos sonhos de um Araguaia Mansidão. Tencionando imagens locais e deambulantes, vinculadas à composição de poemas, sons e imagens, o objetivo deste trabalho é tensionar a furiosa relação da terra com o discurso que a define. Uma dinâmica territorial estilizando a *imagem mental* das “coisas e das águas” em poéticas de um brasil central quase desconhecida pelo Brasil Litoral.

PALAVRAS-CHAVE: Geopoesia; Cora Coralina; Godoy Garcia; Niemares.

TÍTULO DO TRABALHO: Yacala e o gênio melancólico

Autor: Rafael Tahan (USP)

RESUMO: Poeta de dicção construtivista, membro-fundador da geração de 65, pernambucana, assim nomeada pelo historiador Tadeu Rocha, poeta associado a nomes como Augusto dos Anjos, Carlos Pena Filho e João Cabral de Melo Neto, pelo crítico literário Alfredo Bosi, Alberto da Cunha Melo (Jaboatão dos Guararapes, PE - 1942-2007) possui uma obra cuja recente publicação de sua poesia completa (Ed. Record, 2017) reúne 33 livros, entre obra inédita e consolidada. Apesar da extensão e reconhecimento, a obra de Cunha Melo ainda tem pouca visibilidade no meio acadêmico, uma vez que, conforme Claudia Cordeiro, autora do primeiro longo ensaio sobre o poeta, o “zelo pela palavra”, aliado a “contingências históricas” teriam impedido sua circulação em âmbito nacional. Sendo assim, esta comunicação pretende explorar, à luz dessas contingências históricas, alguns aspectos residuais do sentimento de desagregação produzido pelo isolamento do autor, a partir de uma leitura do poema Yacala (1999). O longo poema narrativo reúne, a partir de reflexões de ordem filosófica, um eixo temático duplo que tange ora a lírica de feição metalinguística, ora a social, cujo contraste nos revela uma espécie de cosmovisão fatalista a partir do olhar melancólico da personagem diante de uma sociedade pós-utópica na qual não encontra acolhimento.

PALAVRAS-CHAVE: Lírica Contemporânea; Yacala; Melancolia; Alberto da Cunha Melo.

TÍTULO DO TRABALHO: Corponoite, sexoplantae: a poética de Djami Sezostre

Autora: Viviana Bosi (USP)

RESUMO: Djami Sezostre, *nom de plume* assumido por Wilmar Silva de Andrade, poeta mineiro reconhecido por seu ativismo cultural e por sua obra performática, experimental, vem explorando um veio artístico singular, em que homem e natureza se entrelaçam amorosamente seja através da sonoridade seja através de imagens. Se sua linguagem causa, à primeira vista, estranheza, logo se reconhece um impulso poético órfico, primitivo, no sentido de retomar e recriar a raiz das coisas através da palavra musicalizada. O ritmo, cadenciado e repetitivo, as palavras distorcidas em língua semi-inventada, a presença do corpo dissolvido na natureza,



acentuam esse aspecto encantatório de fusão visceral entre palavra e mundo. Comentaremos poemas do livro *Zut* (2016), nos quais o sujeito lírico se expande como animal, como água, como planta, como eu no outro. Elementos sobretudo indígenas, mas também africanos, integram sua cosmovisão, quando o poeta se abre para uma forma original de animismo, ou de amálgama entre signo e referente, na tentativa de insuflar vida e tornar presente o que é cantado.

PALAVRAS-CHAVE: poesia brasileira, Djami Sezostre, *Zut*

TÍTULO DO TRABALHO: A representação metafórica nos versos de Edival Lourenço

Autora: Valéria Alves Correia Tavares (UFG)

RESUMO: Considerando que um texto poético se concretiza em estruturas semânticas, a análise das representações metafóricas presentes na poesia do goiano Edival Lourenço visa examinar e analisar materializações na relação performática com o próprio corpo, a cidade, os territórios. Nessa perspectiva, a análise semântica de versos que compõem a obra *Pela Alvorada dos Nirvanas*, (2010), será realizada considerando elementos da retórica poética que colaboram na vocalização do poema, os quais parecem expor ao leitor um certo desenraizamento. Para examinar tais aspectos, o presente artigo apoia-se em autores como Alfredo Bosi (2000) para discutir a relação entre o som e o sentido; Walter Benjamin (1986) para sustentar a discussão sobre como trabalhar a história dentro da história; Umberto Eco (2002, 2015) para abordar o leitor; Paul Zumthor (1993, 2005, 2014) para tratar da leitura e performance, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Edival Lourenço. *Pela Alvorada dos Nirvanas*. Poesia. Representações metafóricas.
